

O Estado Latino-Americano: teoria e história

LEONARDO GRANATO

São Paulo: Editora Expressão Popular, 2021. 136p.

*Adriano Nascimento**

O livro de Leonardo Granato, coordenador do Núcleo de Estudos em Política, Estado e Capitalismo na América Latina (NEPEC) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é uma obra necessária e vital para a compreensão de um dos temas mais negligenciados pela Ciência Política produzida no Brasil: a especificidade do Estado em formações sociais dependentes. O grande mérito do livro fica evidente já na composição e organização de suas partes: a) o ponto de partida, no primeiro capítulo, é uma competente exposição do pensamento de autores clássicos liberais (Hobbes, Locke, Rousseau e Hegel) e socialistas (Marx, Engels, Lênin e Gramsci), assim como de pensadores políticos contemporâneos (com destaque para Althusser e Poulantzas) que abordaram o Estado capitalista moderno em geral, a partir da matriz europeia; b) no capítulo seguinte a fortuna crítica exposta anteriormente é traduzida no resgate do debate teórico sobre a natureza e a função do Estado dependente e periférico na América Latina. Nesse capítulo encontram-se teorizações cruciais, porém pouco discutidas e conhecidas no Brasil, que são recuperadas e adquirem relevo (Cueva, Zavaleta Mercado, Lechner e Evers); e, por fim, c) uma exposição das diversas formas assumidas pelo Estado em nossa região a partir das diferentes etapas do desenvolvimento capitalista dependente.

* Professor de Teoria Política da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: adriano.nascimento@fssu.ufal.br

Ademais, não há solução de continuidade entre as três partes. O objetivo do autor resta evidente: é necessário superar tanto as visões liberais como as abordagens eurocêntricas. As primeiras, por ocultarem a natureza de classe do Estado capitalista; as segundas por não considerarem as particularidades que cada Estado apresenta a partir do lugar que cada formação social ocupa no sistema hierarquizado interestatal, ou seja, tanto nas sociedades imperialistas quanto nas sociedades dependentes e periféricas, a estatalidade apresenta essencialmente a mesma natureza, porém, as distintas constituições dessas sociedades outorgam características distintas e formas de desenvolvimento específicas.

Procuraremos fazer um excuro, em síntese apertada, por aquelas que consideramos suas principais teses. No capítulo inicial e em diversas passagens, Granato evidencia o equívoco de se considerar o Estado como um conjunto de instituições que, no exercício de suas diversas funções e nos traçados de uma dada totalidade nacional-territorial, almejam o bem comum ou representam o decantado interesse geral. No mesmo diapasão, rejeita as interpretações mecanicistas e/ou instrumentalistas do político, próprias de algumas vertentes marxistas que tendem a considerar a esfera estatal como epifenômeno do econômico ou como instrumento neutro. Discordamos do autor, no entanto, quando aponta que esse equívoco está presente nos escritos de Marx e Lênin, mas não cabe neste espaço avançar nessa discussão.

Em sentido contrário, alicerça sua investigação na leitura crítica e imanente de diversos autores que fundaram suas abordagens em elementos histórico-materialistas decisivos para compreender o político no modo de produção capitalista. Nesse sentido que considera o Estado como “um fenômeno complexo, como uma construção social, e não apenas a partir do aparelho de governo”. Mais ainda, para ele, o Estado precisa ser compreendido de maneira mais ampla, “como uma relação de dominação entre classes e grupos sociais que centraliza o exercício do poder político” (p.85). O Estado expressa, portanto, correlações de forças que variam segundo as distintas condições temporais (conjunturais) e espaciais (regiões), nas quais predominam os interesses das classes e grupos dominantes, o que não exclui que esse predomínio apresente limitações e contradições. Trata-se assim de uma instância fundamental das relações sociais capitalistas que, tendencialmente, cria força e modifica as relações sociais. Porém, não é, como poderiam pensar certas visões mecanicistas, um mero reflexo da luta de classes, mas sim parte fundamental desta luta.

No capítulo seguinte, sobre o debate conceitual latino-americano, Granato demonstra que “diante da problemática do autoritarismo e dos novos regimes militares e da inserção dependente da região na etapa de acumulação de capitalismo monopolista” (p.55), a intelectualidade crítica foi concitada à tarefa de compreender “os aspectos comuns do ‘estatal’ na região latino-americana, dentre os quais destacaram-se suas determinações específicas, em termos de inserção externa dependente e de estrutura social heterogênea” (p.56). Nessa conjuntura se produziu uma reflexão renovada sobre o Estado e sobre suas condições constitutivas, que veio à luz, segundo Granato, sobretudo nas obras de autores como René Zavaleta

Mercado, Tilman Evers, Norbert Lechner e Agustín Cueva. Nessa tradição intelectual, a questão estatal deixou de comparecer de maneira apenas indireta. O *Leviatan criollo*, para ficarmos na expressão usada por Kaplan, não aparece nessas teorizações como um ente menos maduro do que o Estado das formações capitalistas centrais. Configurava-se apenas e tão somente como o Estado capitalista particular que se constitui em condições de subordinação externa e heterogeneidade estrutural.

Por subordinação externa, o autor entende, na trilha de Evers, a condição referente à inserção dependente no mercado mundial, ligada ao fato de seus elementos essenciais de produção e reprodução enquanto economias periféricas estarem “submetidos aos interesses econômicos de aproveitamento e de controle político das classes dominantes dos países centrais”. Essa dependência não deve ser entendida, porém, como uma imposição externa, mas como resultado da “própria ordem social interna que, ainda que de forma contraditória e não linear, se transforma em ‘nexo’ com o mercado mundial” (p.72). A heterogeneidade estrutural, por sua vez, é apresentada como fundamental para refletir sobre as condições constitutivas do Estado na América Latina. Nas formações sociais do continente o modo de produção capitalista alcançou a condição de dominante, mas não o único. Granato defende que

a coexistência de formas produtivas “modernas” e “tradicionais”, e a existência de um baixo grau de integração econômica do território nacional, assim como de uma estrutura social desequilibrada, são algumas das características históricas de “formações sociais abigarradas” nos termos de Zavaleta Mercado, ou de sociedades sem uma “práxis social comum”, nos termos de Lechner. (p.74)

Dessa forma, o Estado encontra-se economicamente atravessado pelo papel determinante da inserção subordinada no mercado mundial (nas suas diferentes fases históricas, que o autor expõe no terceiro capítulo), e ao mesmo tempo deve organizar politicamente uma sociedade estruturalmente fragmentada, de sorte que as classes dominantes locais, para consolidar sua hegemonia em tais condições, necessitam de um Estado que “sobrecarrega” suas funções para garantir a reprodução capitalista periférica, reforçando a dimensão coercitiva estatal, o que explica o predomínio das formas autoritárias de Estado, como demonstra Granato no último capítulo.

Com efeito, apesar de suas contribuições serem ainda fruto de “resultados parciais de uma pesquisa” em andamento (p.17), como adverte em sua introdução, podemos assegurar que tal afirmação não elide o fato de o autor demonstrar profundo conhecimento sobre o objeto e ter produzido um texto avançado e escrito com rigor crítico, que soube aliar análise teórica sólida e complexa a uma linguagem acessível, sintética e com apresentação bem estruturada. Isso nos permite afirmar que os aportes de seu texto possuem qualidades sobressalentes para posicioná-lo como referência para a compreensão da particularidade do político no capitalismo dependente da região.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Corrupção como ideologia

Armando Boito Jr.

Corrupção e capitalismo

Peter Bratsis

Abstrações, ideologia e ciência

João Quartim de Moraes

Sujeito e objetivação em Lukács

Wolfgang Fritz Haug

Capital, Estado e sistema mundial

Jaime Osorio

Pour Marx e Lire le Capital

Luiz Eduardo Motta

44